



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

FÁBIA RODRIGUES PORTO DE OLIVEIRA

**VEJA X PT:
UM ESTUDO DOS ENUNCIADOS CONCRETOS
NO GÊNERO CAPA DE REVISTA**

CAMPINA GRANDE – PB

2016

FÁBIA RODRIGUES PORTO DE OLIVEIRA

**VEJA X PT:
UM ESTUDO DOS ENUNCIADOS CONCRETOS
NO GÊNERO CAPA DE REVISTA**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Letras.

Orientador: Prof. Ms. Manassés Morais Xavier

CAMPINA GRANDE – PB

2016

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

- O48v Oliveira, Fábria Rodrigues Porto de.
 Veja x PT : um estudo dos enunciados concretos no gênero capa de revista / Fábria Rodrigues Porto de Oliveira. – Campina Grande, 2016.
 50 f. : il. color.
- Monografia (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2016.
 "Orientação: Prof. Me. Manassés Morais Xavier".
 Referências.
1. Análise do Discurso – Revista Veja. 2. Relações Dialógicas. 3. Enunciado Concreto. 4. Gêneros Discursivos – Capa de Revista. 5. Partido dos Trabalhadores. I. Xavier, Manassés Morais. II. Título.

CDU 81'42(043)

FÁBIA RODRIGUES PORTO DE OLIVEIRA

**VEJA X PT:
UM ESTUDO DOS ENUNCIADOS CONCRETOS
NO GÊNERO CAPA DE REVISTA**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao
Curso de Letras – Língua Portuguesa da
Universidade Federal de Campina Grande, como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciatura em Letras.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Ms. Manassés Morais Xavier (UAL/UFCG)
Orientador


Profa. Ms. Glenda Hilnara Meira Feliciano (UAL/UFCG)
Examinadora


Profa. Ms. Simone Nayara Calixto Bezerra (DLA/UEPB)
Examinadora

Monografia aprovada em: 24 de maio de 2016

Média: 9,0 :

CAMPINA GRANDE – PB

2016

*Dedico este trabalho a Deus, por ser essencial em minha vida, Autor de meu destino, socorro
nas horas de angústia e desânimo.*

*A minha filha Bianca Waleska, que no período de todo o curso me ajudou com sua
compreensão em relação as minhas ausências como mãe, amiga e companheira.*

*Ao meu esposo Raimundo Epifânio pela torcida, demonstrando sempre que eu era capaz de
superar os momentos de tribulações e tristezas.*

*Ao meu Professor/Orientador Manassés Morais Xavier, que é um exemplo de ser humano,
bem como de profissional a ser seguido.*

AGRADECIMENTOS

Quero expressar minha afetuosa gratidão a todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste sonho tão acalentado por mim durante esses anos de graduação. Um sonho que hoje se transforma em realidade graças ao meu esforço pessoal, bem como graças à participação e à colaboração de cada um de vocês.

A Deus, Autor de minha preciosa existência, agradeço pela saúde, coragem, força e determinação, e por ter iluminado com a luz da sabedoria divina a minha escolha; sei que será uma caminhada árdua, mas muito gratificante também. Porém, se cheguei até aqui foi pela força da fé. Sem ela eu nada seria. Sobrevivi aos piores momentos de desânimo, aos dias de angústia, de cansaço, tudo isso porque a mão de Deus me sustentou. A Ele toda a minha gratidão, pois pela fé eu pude acreditar que o impossível pode acontecer, basta tão somente acreditar.

A minha filha Bianca Waleska, que mesmo tão jovem, foi capaz de compreender a minha ausência enquanto mãe, amiga e companheira em momentos cruciais de sua vida. Muitas vezes fui obrigada a abdicar de momentos importantes em família em prol dos meus estudos. Para você minha amada filha, todo esse esforço e dedicação, pois quero servir de exemplo para que possas almejar um futuro promissor e brilhante na sua longa caminhada. Você é e sempre será meu maior e melhor projeto, minha razão de seguir adiante nessa conquista.

Ao meu esposo Raimundo Epifânio pelo suporte, incentivo, torcida e ajuda financeira durante todos esses anos, pela compreensão nos meus momentos de ausência em família. Sei que acreditas em meu potencial e isso já me fortalece para seguir nessa caminhada. Sua participação nesse momento especial de minha vida foi essencial.

Ao meu Professor/Orientador Manassés Moraes Xavier, que se prontificou em assumir junto comigo essa responsabilidade, minha eterna gratidão. Gratidão pela paciência em me instruir da melhor maneira todas as vezes que precisei, e foram muitas as vezes. No decorrer do desenvolvimento deste trabalho monográfico muitos entraves aconteceram, alguns a minha revelia, outros por minha culpa e desânimo. Entretanto, ele sempre estendeu a sua mão para me apoiar e incentivar, deixando claro que para se chegar onde deseja, o esforço e a dedicação são fundamentais. Seu exemplo enquanto Professor/Orientador me motiva, me serve de inspiração e não deixa dúvida quanto a minha escolha com relação ao meu Curso. Além de Professor, sabe se colocar como amigo, como ser humano digno de respeito, um exemplo a

ser seguido. Tenho certeza da riqueza de sua participação na minha caminhada acadêmica até o presente momento e espero que outros momentos aconteçam, uma vez que será de grande valia para a construção de minha vida profissional enquanto Professora, aliás, não só como professora, mas como ser humano de forma geral.

A minha amiga linda, companheira e inteligente Ana Paula de Lima, meus agradecimentos pelo carinho e companheirismo de sempre. Pelas vezes que “quebrou os meus galhos” nos momentos mais difíceis durante a graduação, bem como durante a Prática de Ensino I. Sou eternamente grata pelos conselhos, incentivo, exemplo, ajuda (muitas vezes) material. Enfim, levarei sua amizade para sempre em meu coração e, embora distante fisicamente, sua presença em minha vida nunca será esquecida.

A minha amiga linda, companheira e inteligente Ana Cristina Tavares, minha gratidão pelo grande exemplo que demonstrou ter todos esses anos no decorrer do nosso Curso. Mesmo tão jovem, mãe de dois filhos, esposa e dona de casa, me incentivou com sua garra e determinação, nunca permitindo que o cansaço e o desânimo me vencessem. Seu exemplo de vida me serve de inspiração, vou levá-lo comigo para sempre. Superação é o seu nome, amiga. Que Deus te proteja e te guie sempre.

Ao meu amigo Carlos Magno, que fez dupla comigo na Prática de Ensino II, um momento ímpar do nosso Curso. Meu muito obrigada pelo suporte, não só durante a prática de ensino, mas também durante todo o decorrer do Curso. Seu exemplo me deixou marcas positivas e as guardarei sempre comigo.

A minha amiga Ana Karla Menezes, agradeço pela paciência e suporte nos momentos de dúvidas e angústias com relação a este trabalho monográfico. Embora longe fisicamente, sempre me incentivou e demonstrou muito interesse em me ajudar. Mesmo utilizando o recurso das redes sociais, nunca se isentou de tirar minhas dúvidas e isso eu nunca irei esquecer.

Ao amigo e funcionário da UFCG Marciano Siqueira, pelos momentos de descontração proporcionados. As muitas gargalhadas com suas “palhaçadas” em meio aos momentos de estresse diário dessa graduação foram de grande importância para mim. Sem falar no suporte burocrático da Universidade com relação ao Curso, pois sempre se prontificou em ajudar e resolver.

Aos membros da banca examinadora deste trabalho, Glenda Hilnara e Symone Nayara, pela disponibilidade, interesse e dedicação. Grata pelas contribuições.

Aos competentes funcionários, colegas de Curso e professores da Unidade Acadêmica de Letras/UFCG pelo profissionalismo e conhecimento compartilhado. A participação de cada

um de vocês foi de suma importância para meu engrandecimento pessoal e profissional. Ao Sr. Valdemar, uma/um excelente pessoa/profissional e que esteve presente durante esses cinco anos de Curso, não medindo esforços para ajudar no que estivesse ao seu alcance. A minha eterna gratidão.

E, finalmente, a todos e todas que compreenderam e incentivaram meus sonhos e ideais, oferecendo apoio e coragem para que pudesse vencer este novo desafio!

A língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes.
(BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009, p. 110)

RESUMO

À luz da Análise Dialógica do Discurso, a presente pesquisa foi desenvolvida pensando justamente na relação entre a mídia impressa (Revista *Veja*), a política, e a construção de sentidos, tendo como base a noção bakhtiniana de enunciado concreto. Dentro dessa perspectiva, a questão-problema que gerencia este trabalho é a seguinte: quais sentidos são produzidos a partir das capas de revista, que denunciam o posicionamento ideológico da *Veja* em função do Partido dos Trabalhadores? Pautados pelos estudos propostos por Bakhtin e o Círculo, nossa pesquisa apresenta os seguintes objetivos: GERAL: refletir sobre a construção de enunciados concretos no gênero discursivo capa de revista; e ESPECÍFICOS: a) discutir sobre a interrelação entre mídia e discurso político e b) reconhecer a capa de revista como um gênero discursivo e c) destacar, através das construções verbais e não-verbais do gênero em análise, o tom valorativo da *Veja* em relação ao Partido dos Trabalhadores. Do ponto de vista metodológico, foram analisadas quatro capas da *Veja* que tematizam a Operação Lava-Jato e o Partido dos Trabalhadores, publicadas nos meses de outubro, novembro e dezembro de 2014. Teoricamente tivemos contribuições de Bakhtin (2003), Bakhtin/Volochínov (2009), Brait (2012), Sobral (2009), Souza (2002), Fiorin (2006), dentre outros. Os dados analisados nos permitem afirmar que as capas de revista imprimem campos da criatividade ideológica que depreciam o Partido dos Trabalhadores e que vão de encontro as orientações sociais dos sujeitos sociais (locutores e interlocutores) e se filiam a editoria política da Revista *Veja*. Tal consideração aparentemente funciona como óbvia, mas abandona este estado quando compreendida como resultado de redes dialógicas que tecem, ao longo da história, a orientação do auditório social dos enunciados concretos que se estabelecem nos mais variados eventos discursivos.

Palavras-chave: Relações Dialógicas. Enunciado concreto. Gêneros Discursivos. Capa de Revista. Partido dos Trabalhadores.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 – “O DOLEIRO FALA”	32
FIGURA 02 – “ELES SABIAM DE TUDO”	36
FIGURA 03 – “DE: PAULO ROBERTO / PARA: DILMA ROUSSEFF”	40
FIGURA 04 – “A OPERAÇÃO LAVA-JATO E O PT”	43

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I – LINGUAGEM E DIALOGISMO.....	14
1.1 Uma breve consideração sobre Ferdinand de Saussure.....	14
1.2 Bakhtin e o Círculo numa perspectiva dialógica da linguagem.....	15
1.2.1 O enunciado concreto.....	19
1.2.2 Os gêneros discursivos numa visão bakhtiniana: a capa de revista.....	22
CAPÍTULO II – UMA VISÃO METODOLÓGICA DA PESQUISA.....	27
CAPÍTULO III – O ENUNCIADO CONCRETO NO GÊNERO CAPA DE REVISTA.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS.....	50

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, passamos a observar uma significativa transformação na produção da notícia, bem como na sua forma de representação com relação ao imaginário social. A tecnologia e seus múltiplos recursos de interatividade fizeram com que os meios de comunicação ganhassem amplitude e acesso aos mais diversos lugares do mundo. A mídia, através de seus múltiplos mecanismos ideológicos, dos efeitos gráficos, do jogo de cores e formas, reconta os fatos com uma nova roupagem, considerando a modernidade, o discurso da atualidade, as “coisas do cotidiano.” Dessa forma, vai imprimindo valores na sociedade, ditando padrões, reafirmando estereótipos, polemizando acontecimentos e, ao mesmo tempo, subjetivando-se nas instâncias sociais.

No que diz respeito aos meios de comunicação impressos representados por jornais e/ou revistas, essas transformações ao longo do tempo foram bem evidentes e com grande intensidade. Com o desafio de contar os fatos considerando tais transformações, a mídia impressa, além de lançar mão de recursos que ilustram os textos, elaborou estratégias determinantes para a construção dos sentidos, pois compreende que cada elemento contribui de forma significativa para o fim a que compete.

Para assegurar os efeitos persuasivos e prender a atenção do leitor, os meios de comunicação impressos se esforçam em definir estratégias várias para alcançar esses objetivos. A presença da imagem está relacionada à questão da credibilidade, bem como da objetividade do dizer jornalístico. É muito comum no nosso dia-a-dia alguém parar em frente a uma banca de revistas só pelo fato de ter visto uma capa que lhe causou curiosidade. Sendo assim, podemos crer que somos inevitavelmente, todos os dias, impactados, nocauteados pelos meios de informação. É inegável, pois, a importância desse aparelho ideológico para a nossa sociedade.

O discurso jornalístico caracteriza-se pela aptidão de incorporar e mediar os discursos dos vários sujeitos sociais. Para tanto, podemos compreender que se trata de um discurso que está enraizado na nossa sociedade de forma indissociável. Trata-se de um discurso constituído por diversas vozes que se configuram por meio de um aspecto dialógico, pelo fato de se completar a partir de outros discursos que assimila e, ainda, conduzir o seu olhar para o interlocutor: peça importante para a articulação e o posicionamento discursivo.

Os meios de comunicação são os responsáveis por grande parte da veiculação dos assuntos de interesse público. Dessa forma, os sujeitos ficam totalmente dependentes do que nos informam esses meios, pois é através deles que a notícia chega em primeira mão. No caso

da imprensa escrita, as matérias apresentam-se de maneira a induzir o leitor, levando-o a obter gestos de interpretação que fazem jus a ideologia do veículo que costuma ler. Ou seja, é preciso entender que existe uma linha tênue entre o ato de informar e o ato de manipular. Todavia, na imprensa escrita, em especial nas revistas semanais, esse método “manipulatório” é bem mais notório devido às várias estratégias utilizadas por esses meios para atingir seu objetivo.

Cabe ressaltar que não compreendemos o ato de manipular como uma maneira de alienação e/ou enganação para com o seu público leitor, mas como um meio de evidenciar que os enunciados, fontes geradoras de discursos, são construídos em função de pontos de vista, de apreciações, de valorações.

Partindo desse pressuposto, a Análise Dialógica do Discurso concebe o discurso como sendo a vida verbal em movimento ou a prática de linguagem que designa um conjunto de enunciados que se relacionam entre si e que possuem sentidos delimitados. Sendo assim, não podemos compreender o fato linguístico como uma realidade apenas física, mas devemos incluí-lo numa esfera social, para que possa se constituir um fato de linguagem, haja vista que as unidades do meio social e contextual são de suma importância para à construção de redes de sentidos.

De acordo com a teoria proposta por Bakhtin, no cerne da concepção de enunciado concreto está a dialogia e o pressuposto de que este – o enunciado – só se realiza na interação verbal. O princípio constitutivo do enunciado é a contraposição eu/outro. Formados por signos compostos de ideologias, os enunciados mudam de sentido de acordo com o contexto em que estão inseridos, bem como os sujeitos que os utilizam e as relações de sentido que eles estabelecem com outros signos.

Diante do exposto, à luz da Análise Dialógica do Discurso, nossa pesquisa foi desenvolvida pensando justamente na relação entre a mídia impressa (Revista *Veja*), com política e construção de sentidos, tendo como base a noção bakhtiniana de enunciado concreto. Dentro dessa perspectiva, a questão-problema que gerencia este trabalho é a seguinte: quais sentidos são produzidos a partir das capas de revista, que denunciam o posicionamento ideológico da *Veja* em função do Partido dos Trabalhadores?

Pautados pelos estudos propostos por Bakhtin e o Círculo, nossa pesquisa apresenta os seguintes objetivos: GERAL: refletir sobre a construção de enunciados concretos no gênero discursivo capa de revista; e ESPECÍFICOS: a) discutir sobre a interrelação entre mídia e discurso político e b) reconhecer a capa de revista como um gênero discursivo e c) destacar, através das construções verbais e não-verbais do gênero em análise, o tom valorativo da *Veja* em relação ao Partido dos Trabalhadores.

O presente estudo justifica-se pela busca em analisar como as relações dialógicas, tendo como referência a noção de gêneros e enunciados concretos em textos midiáticos, ocorrem no processo de produção de capas de revista, especificamente na Revista *Veja* com relação ao Partido dos Trabalhadores, evidenciando cada vez mais que o discurso se realiza dentro de situações concretas de enunciados, bem como mostrando que todo discurso é ideológico por natureza e, conseqüentemente, reflete e refrata as posições sociais da vida em sociedade.

Metodologicamente, foram analisadas quatro capas da *Veja* que tematizam a Operação Lava-Jato e o Partido dos Trabalhadores, publicadas nos meses de outubro, novembro e dezembro de 2014. Teoricamente tivemos contribuições de Bakhtin (2003), Bakhtin/Volochínov (2009), Brait (2012), Sobral (2009), Souza (2002), Fiorin (2006), dentre outros.

Do ponto de vista da organização, esta monografia contém a presente introdução, três capítulos sendo: um teórico (em que discutimos sobre a perspectiva dialógica da linguagem, enfatizando, sobretudo, as concepções de enunciado concreto e de gêneros do discurso), um metodológico e outro teórico-analítico (em que são analisadas as quatro capas *corpus* da pesquisa), considerações finais e referências.

A seguir, apresentamos o Capítulo I – Linguagem e Dialogismo.

CAPÍTULO I – LINGUAGEM E DIALOGISMO

1.1 Bakhtin e o Círculo numa perspectiva dialógica da linguagem

Julgamos ser pertinente fazer uma breve abordagem acerca do pensamento de Ferdinand de Saussure sobre a concepção da linguagem, tendo em vista que o mesmo foi o precursor da linguística moderna e exerceu forte influência para os estudos linguísticos posteriores. Foi através dos seus postulados que a linguagem humana assumiu o estatuto de ciência autônoma.

Dentre as dicotomias defendidas por Saussure, destacamos língua e fala. Para o estudioso em questão, enquanto a fala é um ato individual de vontade e inteligência, acessória, acidental, a língua é um produto social que o indivíduo registra passivamente, um conjunto de convenções, princípio de classificação. Sendo assim, por meio dessa distinção, o estruturalismo saussuriano difundiu a autonomia da língua em relação à fala, não assumindo esta última como objeto da Linguística.

Saussure deu origem a chamada *linguística científica*, que ficou conhecida a partir de seu *Curso de linguística geral* desenvolvido entre 1911-1913 e publicado, postumamente, por seus alunos Bally e Sechehaye. De acordo com o pensamento de Saussure, língua e linguagem não se confundem, ou seja, a língua é apenas parte da linguagem, essencial, é verdade. Já a linguagem, considerada em sua totalidade, é multiforme e heteróclita, participando de diversos domínios (físico, fisiológico e psíquico), ela pertence ao domínio individual e ao social; ela não se deixa classificar em nenhuma categoria dos fatos humanos e é, por isso, que não sabemos como determinar sua unidade.

Em outras palavras, Saussure, a princípio, admite que a linguagem é diferente da língua, definindo esta como objeto de estudo da Linguística. A língua é, para ele, uma parte da linguagem, considerando esta mais ampla/abrangente que a primeira. Sendo assim, a linguística não tem como objeto de estudo a linguagem, mas sim, uma parte dela – a língua: um instrumento que possibilita o exercício da linguagem pelos indivíduos, além de ser um conjunto de convenções. Trata-se, portanto, de um sistema fechado em si mesmo, que pode ser estudado sem se levar em consideração qualquer interferência histórico-social, cultural etc.

Podemos, como quer Saussure, pensar a estrutura linguística a partir desse mesmo entendimento: estabelecemos comunicação porque conhecemos as regras da gramática de uma determinada língua. (...) a língua é forma (estrutura) e não substância (a matéria a partir da qual ela se manifesta. (COSTA, 2008, p. 115)

Em suma, o linguista genebrino defende a possibilidade de um conhecimento científico acerca da linguagem humana em função do seu aparato técnico, limitando-se a descrição das relações internas da língua. Nesse sentido, a fala, tal como ele a compreende, está descartada, ou seja, não pode ser objeto da linguística pelo fato de ser apenas uma espécie de acessório, um mero exercício individual dentro dos limites da língua. É o que configura o estudo imanente da língua, isto é, um estudo supraindividual desprovido de relações extralinguísticas: posicionamento posto em crise pela perspectiva dialógica da linguagem.

Partindo dos estudos teóricos propostos por Bakhtin e o Círculo¹, que determinam que toda prática de linguagem tem como referência o outro, ou seja, um interlocutor, iremos abordar no presente trabalho a visão da linguagem na perspectiva *dialógica*, ou seja, a língua em sua totalidade concreta, de forma real, viva. Dentro dessa concepção dialógica da linguagem, serão enfatizados neste primeiro capítulo os seguintes aspectos: *Dialogismo e Enunciado Concreto*, bem como questões sobre *Gênero do Discurso*.

Para tanto, a Análise Dialógica do Discurso (doravante, ADD), tida como uma visão de linguagem humana em constante movimento, será nosso ponto de partida, a fim de compreendermos esse processo de enunciação instaurado pelos estudiosos russos. Seguindo essa linha de pensamento, é importante ressaltar que um processo de comunicação se dá integralmente através da capacidade de refletir, de considerar, de ponderar com o que já foi dito e o que poderá ser dito. Em todo ato enunciativo há que se ter uma troca, assim ressaltam Bakhtin/Volochínov (2009):

com efeito, a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este deve ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2009, p. 116)

Dentro dessa perspectiva, numa situação de comunicação não pode haver um interlocutor abstrato, pois não será possível estabelecer uma relação de interação nem no sentido próprio nem no sentido figurado. A língua não é um sistema abstrato de formas linguísticas, assim, ela necessita ser compreendida a partir de um contexto concreto preciso. Para os pensadores russos, não há abstração entre a língua e a realidade histórica e social dos

¹ O pensamento bakhtiniano não é constituído apenas pelos escritos do filósofo da linguagem Mikhail Mikhalovich **Bakhtin**, mas também pela produção de intelectuais de diferentes áreas que com ele participaram, na Rússia compreendido entre os anos 1920 e 1970, de vários e produtivos Círculos de discussão e construção de uma postura singular em relação à linguagem e seus estudos. Dentre esses intelectuais citamos Valentin Nikolaevich **Volochínov** e Pavel Nikolaievitch **Medvedev**.

sujeitos envolvidos no processo de enunciação. O resgate da *parole*, ou seja, a fala concreta, a língua em uso, vai se opor as concepções anteriores de linguagem adotadas por Saussure e seus discípulos.

Bakhtin e o Círculo vêm de encontro a esse pensamento saussuriano e passam a considerar a língua como uma atividade social, deixando claro que o importante não é o enunciado em si, o produto, a estrutura, mas sim a enunciação, o processo verbal em movimento. Na análise dos pensadores russos, todo signo é ideológico. E se a ideologia é considerada um produto das estruturas sociais, toda modificação da ideologia, necessariamente, acarreta em uma modificação da língua.

Cabe salientar que uma das principais contribuições de Bakhtin e o Círculo para o pensamento linguístico contemporâneo é a crítica às duas grandes concepções de língua e de linguagem, a saber: *o subjetivismo idealista* e *o objetivismo abstrato*, as quais têm como representantes: Noam Chomsky (na primeira) e Ferdinand de Saussure (na segunda). Segundo os teóricos russos, a primeira concepção é a percepção da língua como “atividade mental”, em que o psiquismo individual constitui a fonte da língua, compreendendo-a como uma atividade, um processo criativo ininterrupto de construção que se materializa sob a forma de atos individuais, um produto acabado, como se houvesse um “falante ideal”, abstraído de toda realidade histórica e social. Os defensores do subjetivismo idealista têm a ideia de que o fator social não interfere na enunciação e de que o modo como o sujeito se expressa está relacionado com a capacidade deste de pensar. Com relação ao *objetivismo abstrato*, podemos compreender essa concepção como um sistema de formas passíveis de descrição, como uma língua imutável, com formas linguísticas específicas que estabelecem vínculos entre os signos linguísticos no interior de um sistema fechado. Entre a palavra e seu sentido não existe vínculo natural e compreensível para a consciência, ou seja, o objetivismo abstrato, que se norteia por meio das dicotomias saussurianas, entende a língua como algo social e a aborda como um sistema psíquico e arbitrário. Com base nesse ponto de vista, o indivíduo receberia passivamente, da sua comunidade, um sistema linguístico pronto, no qual ele não pode interferir conscientemente.

Em contraste com essas concepções, Bakhtin e Volochínov determinam que é necessário valorizar o aspecto social da fala que está intimamente ligada à enunciação e, com isso, instauram a intersubjetividade e, conseqüentemente, o processo de interação. A forma linguística ao ser transformada em signo será utilizada pelo locutor num processo de adequação a fim de haver a concretização desse signo em um dado contexto de comunicação. Trata-se, portanto, de compreender a língua, pois o sentido da palavra é determinado por uma situação contextual e ideologicamente situada.

Sob esta ótica, podemos compreender o *dialogismo* como “as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados” (FIORIN, 2006, p. 19). Diante disso, o indivíduo faz uso da linguagem para estabelecer uma relação com a realidade. Nestes termos, o *dialogismo* se apresenta como um princípio constitutivo da linguagem em seu funcionamento real, concreto, vivo. Para tanto, os membros do Círculo exploram a ideia de que a linguagem não é falada no vazio e, sim, em uma situação histórica e social concreta. Segundo Bakhtin (1998), a linguagem é, por constituição, dialógica e a língua não é ideologicamente neutra e sim complexa, pois, a partir do uso e dos traços dos discursos que nela se imprimem, instalam-se choques e contradições. Isso significa que desconsiderar a natureza dialógica, é ignorar a ligação que existe entre a linguagem e a vida, isso porque a construção da linguagem é realizada sócio-histórica e ideologicamente. Cabe destacar que nessa dialogização existe a relação dialógica da palavra que é sempre perpassada pela palavra do outro. Assim, o falante, para constituir seu discurso, considera o discurso do outro, que está presente no seu. O discurso está sempre atravessado por discursos “alheios”, pois não há nenhum discurso que não seja voltado para os discursos que o circundam.

A palavra-chave da Linguística para Bakhtin e o Círculo é a interação, pois é através dela que se constitui a base do processo de produção dos discursos, nos quais podemos entender como redes de relações dialógicas estabelecidas e assumidas por um indivíduo e expressas pela linguagem através de um ponto de vista. Dentro desse contexto, podemos concluir que o ponto de vista é a condição necessária para a construção dos sentidos nos enunciados concretos².

Ainda sobre o *dialogismo*, Fiorin (2006) esclarece que o termo *dialogismo* remete a diálogo, evidentemente. Mas, isso não significa que apenas o diálogo face a face seja dialógico. Em outros termos, o *dialogismo* tem a ver com a ideia de que todo ato humano envolve a relação com outros atos, e que podemos compreender essa relação dialógica como algo que vai além do diálogo face a face.

Cabe frisar que, para Bakhtin, a ideia de *dialogismo* faz referência à própria concepção de língua como interação verbal, isto é, não existe enunciado concreto sem interlocutores. Para que a língua tenha esse caráter dialógico, é imprescindível que tanto o locutor quanto o interlocutor sejam levados em consideração no que diz respeito ao ato enunciativo. Dessa maneira, se um autor produz um enunciado considerando a posição do interlocutor (direta ou indiretamente), eis que o caráter dialógico da língua já se pode ser concretizado. Souza (2002), destaca:

² Posicionamento caro para o que desenvolvemos enquanto análise nesta monografia.

para compreendermos todos os aspectos do enunciado verbal – como eles se organizam e tomam forma – precisamos observar a dupla orientação do locutor: 1. em direção ao ouvinte, e 2. em direção ao objeto do enunciado – o tema. Segundo Volochínov, “toda palavra realmente pronunciada – e não sepultada no dicionário – é a expressão e o produto da interação social de três participantes: o locutor (o autor), o ouvinte (o leitor), é isto de que se fala (o herói)³”. (SOUZA, 2002, p. 88)

Para Bakhtin e o Círculo, a língua é constituída pelo fenômeno social da interação verbal que é realizada pela enunciação ou pelas enunciações. Sendo a interação a realidade essencial da língua, podemos entender que para os estudiosos russos, o verdadeiro interesse está na linguagem enquanto uso e em interação social; já a enunciação seria o momento de “consagração” deste uso que envolve, além do locutor, o interlocutor no momento sócio-histórico e ideológico. No sentido amplo, compreendemos a palavra diálogo como qualquer tipo de comunicação verbal, não apenas com relação a uma conversação face a face e/ou em voz alta.

Nesse jogo, qualquer que seja o ato verbal, as relações dialógicas conferem sentidos que podem ser de divergência ou convergência, de acordo ou desacordo, de aceitação, ou não, dentre outros sentidos. As relações dialógicas acontecem a partir de uma voz com outras vozes sociais. O que evidencia que, sendo a sociedade dividida em grupos sociais que possuem ideias divergentes, esses enunciados assumem também relações de desacordos.

Defende-se, nesses termos, a tese de que cada ser humano é social e individual, ou seja, ele faz parte de um grupo em que circulam ideologias, valores, princípios e, conseqüentemente, sua produção discursiva ou de linguagem refletirá sua relação com esse meio. Sendo assim, esse grupo no qual o ser humano está inserido determina o que ele deve ou como deve falar, pois pensa sempre no outro para se comunicar.

A concepção dialógica defende que, antes mesmo de falar, “o locutor ‘altera’, ‘modula’ sua fala, seu modo de dizer, de acordo com a imagem presumida que cria de interlocutores típicos, ou seja, representativos do grupo a que se dirige” (SOBRAL, 2009, p. 39). Nessa perspectiva, o dialogismo diz respeito às relações entre enunciados e sujeitos socialmente organizados. Isso porque, em Bakhtin, o sujeito não é submisso à sociedade, tampouco assume uma subjetividade autônoma em relação a ela. O que acontece é que o sujeito constitui-se discursivamente a partir da apreensão das vozes sociais. Conclui-se, então, que o sujeito é constitutivamente dialógico.

³ Ou *tema*, como aparece em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, de Souza (2002).

1.2 O enunciado concreto

Quando estabelecemos qualquer tipo de comunicação, seja ela oral ou escrita, temos que levar em conta um interlocutor. Esse interlocutor pode ser real ou virtual, ausente ou presente. Porém, não podemos ignorá-lo dentro do processo de comunicação. Considerando essa linha de pensamento, podemos compreender que o sujeito se constitui à medida que vai ao encontro do outro, e que a linguagem é percebida a partir de uma concepção dialógica, assim afirmam Bakhtin e o Círculo.

Para eles, toda palavra tem duas faces numa relação entre o locutor e o interlocutor, ou seja, ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Dessa forma, a palavra é um produto da interação do locutor e do ouvinte, bem como serve de expressão de um em relação ao outro.

O ato da enunciação resulta de um tipo de “memória discursiva”, quer dizer, no interior do sujeito falante existem enunciados proferidos em outros momentos, com outras pessoas, ou até consigo mesmo, pois nosso subconsciente imagina sempre uma plateia, em outras situações interacionais, outras épocas, onde o locutor inconscientemente (ou conscientemente) toma todos esses aspectos por referência para realizar e formular seu novo discurso. Por isso, para Bakhtin/Volochínov (2009) não existe nada original, tudo é dialógico. Assim, a enunciação se caracteriza pela alternância dos atos de fala em uma relação dialógica, tanto a produção quanto a compreensão de um enunciado se dão por meio do contexto de enunciados que os precederam, bem como no contexto dos enunciados que os seguem. Assim, o enunciado dialoga com o meio social no qual está inserido, concordando ou discordando com o que lhe rodeia.

A visão adotada pelos teóricos russos torna a língua como um conjunto de práticas enunciativas e não como forma descarnada (MARCUSCHI, 2008). Ou seja, a língua e suas unidades, a saber: sons, palavras e orações, por si só, não dão conta de preencher a amplitude do diálogo, pelo fato de não serem dialógicas. E isso ocorre porque as unidades da língua fora de um contexto social não explicam o funcionamento real da linguagem.

É preciso, portanto, estabelecer uma relação de sentido entre o que se diz e o que se ouve. Enquanto as unidades da língua apresentam uma neutralidade, os enunciados são carregados de emoções, bem como juízos de valor e paixão⁴. Isso significa dizer que as unidades da língua fora de um contexto específico são absolutamente neutras, mas, a partir do momento que se convertem em enunciado, passam a ter um caráter contraditório, zombeteiro,

⁴ Recomendamos a leitura, na íntegra, do texto *O signo ideológico*, contido em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2009).

respeitoso, Enfim, dependendo do contexto no qual uma palavra está inserida, ela, além de apresentar sua significação, vai apresentar também um determinado sentido. Cabe enfatizar que não basta saber o que significa cada uma das unidades da língua que compõem um dado enunciado para apreender seu sentido, mas se faz necessário perceber as relações dialógicas que há entre elas.

O conhecimento prévio do sujeito em relação a um determinado enunciado vai determinar a compreensão de seu conteúdo como um todo. Porém, se o sujeito não dominar o assunto/enunciado em pauta, provavelmente, ficará no vácuo e sua compreensão não será completa, portanto, o enunciado não assumirá a adjetivação de concreto!

Segundo a teoria de Bakhtin, sem atribuição de sentido não há ideologia. O signo linguístico, para ele, é ideológico e, como tal, possui um significado e remete a algo fora de si mesmo. Sendo assim, tudo o que é ideológico é considerado um signo, pois sem signo não existe ideologia.

Segundo a posição de Bakhtin/Volochínov, na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*,

a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica e isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através *da enunciação ou das enunciações*. A interação verbal constitui a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2009, p. 127, itálicos dos autores)

Isso implica dizer que os teóricos acima citados negam que a *parole* (fala), tal como definida por Saussure, seja um ato unicamente individual: ela é sempre um ato social, caso contrário, sequer, seria compreensível. Há, pois, uma valorização do aspecto social da fala com relação à enunciação, sem desprezar o indivíduo.

Ambas devem estar intimamente ligadas como uma espécie de ponte, uma sustentando a outra. É imprescindível que se compreenda que, em se tratando de linguagem, o estudo da interação se faz necessário para que se possa entender não só o funcionamento desse fenômeno em si, mas também o surgimento da própria subjetividade. Pautando-se nas ideias de Bakhtin e o Círculo, podemos, então, afirmar que sem o *outro*, não se teria a noção do *eu*. Diante dessa afirmação, conclui-se que o teórico retira a reflexão sobre a língua do campo exclusivamente da estrutura para situá-la no campo do discurso em seu contexto socioenunciativo: língua e campos de atividades específicas das comunicações discursivas.

Para tanto, o enunciado se torna a unidade concreta e real da atividade comunicativa entre os sujeitos situados em contextos sociais sempre reais. Segundo Fiorin (2006), o enunciado

é a réplica de um diálogo, pois cada vez que se produz um enunciado o que se está fazendo é participar de um diálogo com outros discursos. O que delimita, pois, sua dimensão é a alternância de falantes. Um enunciado está acabado quando permite uma resposta do outro. (FIORIN, 2006, p. 21)

Ou seja, o enunciado é um elo da corrente da comunicação verbal, de cunho social e, portanto, de conteúdo ideológico. Sua estrutura é determinada pelo contexto social, “o centro organizador de toda enunciação, de toda expressão, não é interior, mas exterior: está situado no meio social que envolve o indivíduo” (BAKHTIN, 2003, p. 121). Nesses termos, o enunciado é sempre uma resposta a um enunciado anterior. O locutor mantém relação não só com o objeto da enunciação, como também com os enunciados dos outros. Qualquer enunciado está sempre em busca de uma resposta, de uma atitude responsiva do outro.

Portanto, o enunciado não existe fora das relações dialógicas. A linguagem é, nessas condições, a expressão de um com relação ao outro num determinado contexto sócio-historicamente situado e, assim, marcado pela temporalidade como um evento único e irrepetível.

Segundo a teoria bakhtitiana, o enunciado concreto é um todo formado pela parte material – verbal ou visual – e pelos contextos de produção, bem como circulação e recepção. Assim, significa que tanto o processo quanto o produto são constitutivos do enunciado. Dentro desse contexto, para se realizar uma análise de acordo com a teoria de Bakhtin com relação ao enunciado concreto, será necessário considerar alguns aspectos relevantes, tais como: autor, suporte, público, cidade, para quem tal leitura é destinada, dentre outros.

Grosso modo, não se deve considerar apenas os fatores externos, mas os elementos geradores de sentidos, e esses sentidos podem estar presentes em apenas uma palavra, pois o que delimita as fronteiras do enunciado concreto é a sua unidade de sentido. O sentido, nesses termos, deve ser entendido como uma junção entre o tema e a significação. Nesse caso, devemos compreender o significado de uma palavra não, apenas, como a encontramos nos dicionários; quanto ao tema, é algo que não se repete por se referir ao todo do enunciado concreto, ou seja, nele estão presentes os fatores essenciais geradores de sentidos, a saber: parte verbal, entonação, relação entre interlocutores, condições sócio-históricas, tempo, espaço, dentre outras.

Dessa maneira, a palavra em si só terá sentido em determinada situação de comunicação se considerarmos tanto os elementos acima citados, quanto o seu contexto. Para

Bakhtin (2003), o homem e a linguagem estão sócio-historicamente situados e, portanto, o significado é construído a partir da relação ou diálogo entre o discurso e a situação imediata ou o contexto mais amplo em que então envolvidos os participantes.

Cada indivíduo tem dentro de si um mundo particular (interno), englobando suas crenças, sua maneira de pensar, sua história de vida, suas ideologias. Logo, a função da linguagem será a de representar, refletir seu pensamento, bem como seu conhecimento de mundo por meio da linguagem (externamente).

Brait (2012), ainda sobre os escritos de Bakhtin e Volochínov (2009), diz que um dos méritos dessa obra é justamente ter difundido a ideia de enunciação, de presença de sujeito e de história na existência de um enunciado concreto, apontando para a enunciação como sendo de natureza constitutivamente social, histórica e que, por isso, liga-se a enunciações anteriores e a enunciações posteriores, produzindo e fazendo circular discursos.

Conforme Bakhtin se posicionava, “de minha parte, em todas as coisas, ouço as vozes e sua relação dialógica” (BAKHTIN, 2003, p. 413). Segundo a perspectiva bakhtiniana, pela qual o outro é imprescindível na construção do nosso ‘eu’, a linguagem é percebida a partir de uma concepção dialógica. Sendo assim, a linguagem e seu uso prático estão vinculados a um conteúdo ideológico e seus signos são variáveis e flexíveis, apresentando um caráter mutável, histórico e polissêmico.

Os estudos bakhtinianos revelam que existem muitas formas de linguagem. Isso ocorre devido à diversidade da experiência social, isto é, à presença de elementos extralinguísticos ligados a produção verbal que imprimem à linguagem um caráter de produto não acabado, vivo, em constante mutação, de acordo com o contexto em que é utilizada. Nesses termos, surge a interação verbal que constitui essa realidade da língua: os sujeitos são diferentes entre si e, bem como as experiências, o uso da linguagem também é diferente. É a partir da interação entre essas diversidades que se chega ao diálogo, a enunciação, ao discurso, enfim, e todos estão dialogicamente relacionados.

Na verdade, a língua não se transmite; ela dura e perdura sob a forma de um processo evolutivo contínuo. Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada. Eles penetram na corrente da comunicação verbal, ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar. Os sujeitos não “adquirem” sua língua materna, é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência.

Em suma, é no contato entre a língua e a realidade concreta, via enunciado, que a palavra pode expressar um juízo de valor, uma significação, uma expressividade. O significado é construído no discurso e essa construção envolve os participantes, a situação imediata ou o contexto mais amplo.

1.3 Os gêneros discursivos numa visão bakhtiniana: a capa de revista

Atualmente, a noção de gênero não está mais vinculada apenas à literatura. Segundo Swales (1990, p. 33), “hoje , gênero é facilmente usado para referir uma categoria distintiva de discurso de qualquer tipo, falado ou escrito, com ou sem aspirações literárias”, ou seja, a expressão *gênero* vem sendo usada de maneira cada vez mais frequente e em número cada vez maior de áreas de investigação. Trata-se de um empreendimento cada vez mais multidisciplinar, pois a análise de gêneros engloba tanto a análise do texto e do discurso, quanto uma descrição da língua e visão da sociedade. Para tanto, o trato dos gêneros diz respeito a uma abordagem da língua em seu cotidiano nas mais diversas formas. É uma fértil área interdisciplinar e sua atenção está voltada, especialmente, para a linguagem em funcionamento, bem como para as atividades culturais e sociais.

Os gêneros são constituídos nas esferas comunicativas e se efetivam na forma de enunciados. Sendo assim, ao pensarmos na noção de gênero, passamos a perceber sua íntima relação com as inúmeras esferas da atividade humana, bem como com os usos da língua, uma vez que os gêneros discursivos permitem relações interativas mediante os processos de produção da linguagem.

Dessa forma, podemos compreender que, em relação aos gêneros do discurso, eles são “concebidos como [...] dispositivo de organização, troca, divulgação, armazenamento, transmissão e, sobretudo, de criação de mensagens em contextos culturais específicos” (MACHADO, 2012, p. 158).

Em outras palavras, os gêneros discursivos se constituem como produtos de um povo afetado pelos aspectos cultural e sócio-histórico, cuja existência se procede a partir das práticas de linguagem. Bakhtin (2003) define:

cada esfera conhece seus gêneros, apropriados à sua especificidade, aos quais correspondem determinados estilos. Uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) e dadas condições, específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico. (BAKHTIN, 2003, p. 284)

Precursor de diversos pressupostos sobre a natureza da linguagem utilizados hoje nas pesquisas linguísticas, Bakhtin e seu Círculo trouxeram para o centro de interesse dessas pesquisas o caráter social e histórico da linguagem, do enunciado, rebatendo os trabalhos de

linguística pautados num abstracionismo infértil, baseado, tão somente, nas relações internas de um sistema linguístico.

Sobre isso, Bakhtin (2003) aborda que

o desconhecimento da natureza do enunciado e a relação diferente com as peculiaridades das diversidades de gênero do discurso em qualquer campo da investigação linguística redundam em formalismo e em uma abstração exagerada, deformam a historicidade da investigação, debilitam as relações da língua com a vida. (BAKHTIN, 2003, p. 265)

Ramires elucida que não se pode falar em gêneros, ou análise de gêneros, sem mencionar a importante contribuição da obra bakhtiniana, que discute “a problemática dos gêneros textuais em suas formas de interação nas diversas esferas das atividades sociais” (RAMIRES, 2005, p. 43). Partindo dessa concepção, verificamos dois conceitos que fundamentam o entendimento de gêneros na perspectiva de Bakhtin: dialogismo e interação verbal.

O dialogismo é o cerne da teoria de Bakhtin. Sendo assim, podemos compor uma noção de interação verbal, interação essa, obviamente, mediada pelos gêneros do discurso. Para o filósofo russo, a linguagem é um processo contínuo, ela não ocorre sozinha, não há possibilidade dela existir de maneira puramente sincrônica, ela é histórica, ela “se situa no interior das relações sociais mantidas pelos indivíduos” (RAMIRES, 2005, p. 43).

A ideia de sujeito social que se instala aí, ou melhor, que pode ser extraída daí é, em essência, atravessada pelas vozes de outros sujeitos. Minimamente, podemos distinguir três processos dialógicos na interação verbal postulada por Bakhtin: do sujeito com outros sujeitos; do discurso com outros discursos; dos sujeitos com discursos.

As relações do sujeito com o seu auditório e com a situação social moldam o discurso interior do falante (aqui num sentido amplo). Graças ao tríplice dialogismo bakhtiniano, não parece incoerente afirmar que determinar a interação verbal se faz ao lado da determinação de língua/linguagem, e, de quebra, a determinação de um sujeito agente nessa interação. Ambos são atravessados, são históricos, descentrados, localizados socialmente.

Essas noções vêm de encontro com a noção de gêneros dos discursos que está sendo apresentada aqui, pois reconhecem que enunciados são produtos de atividades humanas e que refletem as suas condições de produção e recepção, ou seja, de interação, e a finalidade dessa interação em uma dada esfera ou campo de atividade humana. Essas condições e finalidades são mutáveis, embora também sejam regradas com as diretrizes de cada campo (marcadas pelo seu conteúdo temático, estilo de linguagem, e construção composicional).

É por essa razão que Bakhtin vem afirmar que “cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua [linguagem] elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2003, p. 262). O pensamento bakhtiniano perpassa toda a teoria moderna de gêneros, de modo que será retomado dialogicamente nas colocações seguintes.

Cabe ainda retomar que, para Bakhtin, a prática da linguagem pressupõe o outro como constituinte do sentido. “Cada gênero do discurso em cada campo da comunicação discursiva tem a sua concepção típica de destinatário que o determina como gênero” (BAKHTIN, 2003, p. 301). Aqui se percebe que um campo de comunicação pode ser associado a uma situação retórica no sentido de que é o interlocutor que determina o modo de produção do discurso, mesmo que esse interlocutor não esteja presente, em uma dada situação.

Outro elemento bem significativo a respeito do gênero do discurso é o papel do interlocutor do enunciado. De acordo Bakhtin (2003, p. 321), cada “um dos gêneros do discurso, em cada uma das áreas da comunicação verbal, tem sua concepção padrão do destinatário que o determina como gênero”. Isso significa que, quando o enunciado é produzido, o locutor tende a antecipar a resposta ou atitude responsiva do interlocutor e essa resposta presumida influenciará o seu próprio enunciado. Essa presunção é fator que determina a escolha do gênero do discurso a ser usado pelo locutor, de acordo com o intuito comunicativo que deseja alcançar.

Elencadas todas essas perspectivas, os estudos sobre os gêneros do discurso em Bakhtin tiveram grande respaldo no que se refere ao processo dialógico comunicativo, pois são processos do uso real da linguagem, da comunicação fundada na palavra e na pluralidade de signos presentes em cada cultura.

É nesse sentido que, nesta monografia, reconhecemos a capa de revista como um gênero discursivo, visto que são consideradas gêneros secundários, pois exigem um processo complexo de elaboração. No processo de sua construção, há a presença de um enunciador que, por sua vez, é representado por uma equipe de produção responsável por enunciar as matérias veiculadas em cada edição, como informações, reportagens, resenhas, ou seja, matérias de interesse imediato.

Além desse anúncio, há a necessidade de fazer com que os assuntos se tornem relevantes e atraentes para o público-leitor, tendo em vista o intuito de provocar o seu interesse pela aquisição e leitura desse material anunciado nas capas. Esse trabalho exige, pois, a participação de vários profissionais, dentre eles: redator, diagramador, ilustrador, fotógrafo ou artista plástico, entre outros.

Dentro dos parâmetros bakhtinianos, as capas de revista são consideradas como enunciados concretos e mantêm relações dialógicas em vários níveis. Nesse contexto, no

processo de elaboração podemos qualificar o nível imediato; os componentes da equipe de produção estão afinados num objetivo comum com a editora para a escolha da unidade temática que norteará todo o projeto verbo-visual: chamadas, distribuição, tipos gráficos, imagens ou fotos, cores, dentre outros elementos composicionais.

As capas de revista são, portanto, concebidas em função dessas redes complexas e, portanto, ideológicas. Partindo desse pressuposto, observamos a importância de analisá-las de acordo com a teoria de Bakhtin, mais especificamente no que tange a noção de enunciado concreto, considerando que as mesmas circulam nas esferas jornalística e publicitária, cumprindo duplo papel: informação e persuasão para com o leitor.

Portanto, compreendemos as capas de revista como um gênero discursivo historicamente situado, haja vista que elas circulam em nosso meio social com o objetivo de promover pessoas/famosos, além de divulgar tendências em várias áreas do meio social, nos deixar informados sobre os acontecimentos do meio político e social, entre outros.

Apresentamos no capítulo que segue o percurso metodológico deste Trabalho de Conclusão de Curso.

CAPÍTULO II – UMA VISÃO METODOLÓGICA DA PESQUISA

No presente capítulo abordaremos os aspectos teórico-metodológicos desse estudo. O método utilizado foi o dialógico, comparando os textos no tempo e apresentando como os enunciados se concretizam, ocupam o lugar na interação social e suscitam respostas, uma vez que os textos não podem ser analisados sem considerar que são enunciados respostas.

Tal posicionamento metodológico decorre do apresentado em Bakhtin/Volochínov (2009): a ordem metodológica para o estudo da língua deve ser a seguinte: 1) as formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza; 2) as formas das distintas enunciações em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos na vida e na criação ideológica que determinam e 3) o exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual.

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa em ADD, especificamente sobre enunciados concretos no gênero discursivo capa de revista, e procura analisar dialogicamente esses enunciados em quatro capas da Revista *Veja*, especialmente sobre o Partido dos Trabalhadores (doravante, PT).

De acordo com Lakatos (2001, p. 83), a metodologia é o item considerado como o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que com maior segurança e economia permite alcançar o objetivo, ou seja, os conhecimentos válidos e verdadeiros, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e avaliando as decisões do cientista.

Dessa forma, entendemos que a metodologia se resume as etapas a seguir de um determinado processo, e exatamente é o que relataremos nas próximas linhas desse capítulo, buscando de forma minuciosa retratar, em forma de diálogo, os procedimentos implicados, uma vez que

o diálogo é o encontro entre os homens mediatizados pelo mundo, para designá-lo. Se ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens os transformam, o diálogo impõe-se como caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial. E já que o diálogo é o encontro no qual a reflexão e a ação, inseparáveis daqueles que dialogam, orientam-se para o mundo que é preciso transformar e humanizar, este diálogo não pode reduzir-se a depositar ideias em outros. Não pode converter-se num simples intercâmbio de ideias... não é também uma discussão hostil, polêmica entre os homens que não estão comprometidos nem ao chamar ao mundo pelo seu nome, nem a procura da verdade, mas a imposição de sua própria verdade. (FREIRE, 2000, p. 92)

Como afirma a citação acima descrita, podemos perceber que qualquer forma de interação entre os homens é uma maneira de buscar seus objetivos como seres

transformadores da realidade, pois o diálogo nada mais é do que uma forma de mostrar a capacidade de humanização entre as partes, visto que tanto o locutor como o interlocutor desempenham, cada um, uma função de mediadores do próprio conhecimento de mundo.

A cada instante buscamos maneiras de elucidar os segredos do conhecimento e aperfeiçoá-lo. Dessa forma, é que através de etapas de desenvolvimento buscamos alcançar objetivos propostos. Podemos ressaltar que a pesquisa está diretamente ligada ao pesquisador, ao objeto de análise e aos sujeitos envolvidos.

Com relação às questões metodológicas, torna-se imprescindível não fazer a separação entre a ideologia e a realidade material da palavra, não dissociar a palavra das formas concretas da comunicação verbal e não divorciar a comunicação e suas formas de sua base material, conforme Bakhtin/Voloshínov (2009).

Dentro dessa perspectiva, pensar a palavra, dialogicamente, corresponde a banhá-la da noção de produto social. Isto é o que caracteriza o posicionamento da ADD à concepção de enunciados concretos que surgem em contextos específicos de comunicação de grupos sociais historicamente situados.

Como esclarece Voloshínov (1976(1930), p. 02), “a verdadeira essência da linguagem é o evento social da interação verbal e ela se encontra caracterizada em um ou vários enunciados”. Nessa perspectiva, situamos o *corpus* de análise deste trabalho monográfico compreendido por nós como um exemplo vivo de evento de interação verbal. Sendo assim, as capas da revista *Veja*, tratadas como gêneros discursivos, pois circulam numa dada esfera de atividade humana, cumprem um determinado papel comunicativo e possuem um acabamento mais ou menos estável. Nesse sentido, como toda capa de revista de natureza informativa, anunciam as principais manchetes das matérias contidas no interior da revista. Geralmente há um assunto mais importante, destacado dos outros por uma chamada mais elaborada, com o objetivo de criar certo impacto. Os assuntos secundários são sintetizados em chamadas distribuídas nessa página de apresentação, em lugares estratégicos, em função de seu grau de importância. Desse modo, o conjunto desses elementos dispersos constitui uma unidade temática trabalhada em vários níveis – linguístico e plástico –, cujos elementos de composição são os tipos de letras de tamanhos variados, as cores, a distribuição dos textos escritos e das imagens visualizadas na página. Nada é aleatório para essa organização interna significativa. Cada edição tem uma característica diferente da anterior, em virtude dos assuntos pautados no momento que, pressupõe-se, sejam de interesse coletivo, ou até mesmo de interesse da empresa. Além disso, nas capas destacam-se o nome da revista, o número da edição, a data de publicação, e a logomarca da empresa que edita a revista, situados em lugares estratégicos e bem visíveis.

Nossa pesquisa é de cunho explicativo,

uma pesquisa mais complexa pelo fato de buscar um conhecimento mais profundo sobre o fenômeno estudado, e seus resultados fundamentam o conhecimento científico. O principal objetivo é identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos, procurando explicar a razão, o porquê das coisas, as causas. (RODRIGUES, 2006, p. 90)

No que diz respeito à abordagem, esta pesquisa tem caráter qualitativo, ou seja, “não emprega procedimentos estatísticos ou não tem, como objetivo principal, abordar a problemas a partir desses procedimentos” (RODRIGUES, 2006, p. 90). Em outros termos, o nosso objeto de estudo se refere a um fenômeno da ADD no qual temos como objetivo descrever e interpretar (dentro do gênero discursivo capa de revista), cujo foco é o PT: os enunciados concretos e suas relações dialógicas de narrativas jornalísticas em capas de revista.

Segundo Chizzotti (2006),

o termo qualitativo implica uma partilha densa com as pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível e, após este tirocínio, o autor interpreta e traduz em um texto, zelosamente escrito, com perspicácia e competência científicas, os significados patentes ou ocultos do seu objeto de pesquisa. (CHIZZOTTI, 2006, p. 221)

Isso implica dizer que seguimos uma orientação que objetiva entender a situação em análise e não recolhemos dados fixos, mas flexíveis e variáveis, em função dos contextos específicos comprobatórios para uma afirmação prévia, sendo, portanto, de natureza social e não tendendo à quantificação.

Em virtude do objeto desta pesquisa, também a caracterizamos como descritivo-explicativa porque o nosso objeto de estudo se refere a um fenômeno complexo de uso linguageiro e que objetivamos descrever e explicar a produção de sentidos em capas de revista. Com relação a esse procedimento metodológico, Rodrigues (2006, p. 90) considera que a pesquisa descritiva

é realizada para descrever fenômenos ou estabelecer relações entre variáveis. O pesquisador, nesse caso, procura observar, registrar, analisar e interpretar os fenômenos por meio de técnicas padronizadas de coleta de dados, como questionário e a observação sistemática. [...] Na pesquisa descritiva, o pesquisador estuda a relação entre as variáveis de um determinado fenômeno sem as manipular; ou seja, constata e avalia as relações à medida que as variáveis se manifestam espontaneamente. (RODRIGUES, 2006, p. 90)

Dentro desse contexto, a pesquisa buscou descrever as características de determinadas populações ou fenômenos. O olhar para o social é uma de suas características e é por esse motivo que nos apoiamos, neste trabalho, a este tipo de pesquisa científica.

Com relação à constituição do *corpus*, o mesmo teve início de outubro a dezembro de 2014 com a seleção de 04 capas da revista *Veja*, a saber: *Edição 2396, ano 47, n° 43, de 22 de Outubro de 2014; Edição 2397, ano 47, n° 44, de 29 de Outubro de 2014; Edição 2401, ano 47, n° 48, de 26 de Novembro de 2014 e Edição 2403, ano 47, n° 50, de 10 de Dezembro de 2014.*

As capas foram analisadas a partir da ADD, tendo como referência conceptual a concepção de enunciado concreto, levando em conta os seus contextos de produção, circulação e recepção⁵. O critério de seleção deste espaço cronológico se deu em função do fato de compreendermos como sendo um intervalo de tempo propício em que se estabeleceu, discursivamente, a cobertura jornalística acerca da operação investigativa da Polícia Federal denominada de “Lava-Jato” num período de campanha eleitoral no Brasil, as duas primeiras capas analisadas, e pós-eleições, as duas últimas. Sendo assim, esse fato instigou esta pesquisa, tendo em vista que a construção das capas da Revista *Veja* a respeito desse escândalo de cunho político envolvendo o PT é um fato social de grande relevância, gerador de polêmicas e discursos, merecendo, assim, o nosso debruçar sobre o assunto.

Dentro dessa perspectiva, verificamos que a revista escolhida, bem como as capas e o tema abordado nessa pesquisa são pertinentes aos objetivos a que nos propusemos: analisar os enunciados concretos nas capas de revista utilizando o método dialógico proposto por Bakhtin e o seu Círculo.

A seguir, o capítulo de análise de nosso *corpus*.

⁵ Neste trabalho não utilizamos como *corpus* a recepção, uma vez que não analisamos, por exemplo, no contexto do uso da linguagem os comentários dos leitores da Revista *Veja* sobre o assunto estudado.

CAPÍTULO III – O ENUNCIADO CONCRETO NO GÊNERO CAPA DE REVISTA

Com relação à organização do capítulo analítico deste estudo, selecionamos quatro capas da revista *Veja* do ano de 2014, todas com o tema relacionado ao escândalo da Petrobras, intitulado de “Operação Lava-Jato”, envolvendo o PT.

Analisamos os enunciados concretos de cada capa, bem como as relações dialógicas que cada uma apresentou, considerando os aspectos composicionais de sua natureza linguística (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, estilo).

O gênero discursivo capa de revista apresenta um discurso jornalístico dentro de uma esfera da atividade humana ideologicamente situada, com nítidas marcas textuais de filiações político-partidárias, o que faz esta pesquisa aderir a um trabalho de análise discursiva se pautando nas contribuições de Bakhtin e do Círculo.

Nesse momento, apresentamos as capas selecionadas para o *corpus* da pesquisa seguidas de suas respectivas análises, como podemos perceber na Figura 01 – “O doleiro fala”.

Quando esta edição chegou às bancas, com data de 22 de Outubro de 2014, a população brasileira estava se preparando para decidir, através das eleições de segundo turno, o futuro presidente do país. Às vésperas do pleito, muitos brasileiros ainda estavam em dúvida quanto à sua escolha presidencial; dois candidatos disputavam a vaga, a saber: Aécio Neves, do Partido da Social Democracia Brasileira (doravante, PSDB) e Dilma Rousseff, do PT. Diante do impasse, os brasileiros viviam um momento de tensão e dúvida: apostar no “tucano”, ou deixar o governo do PT continuar no poder?

A dúvida, o medo e a insegurança se tornaram companheiras constantes dos brasileiros durante toda a campanha eleitoral de 2014. Afinal, o PSDB, representando o partido da mudança, não tinha muita credibilidade perante boa parte dos brasileiros por experiências anteriores, e o PT já se encontrava no poder há doze anos e o momento era de denúncias e escândalos de corrupção.

A disputa entre os dois candidatos era muito acirrada, não se sabia quem iria vencer o pleito, e ambos usavam suas armas para tentar convencer os eleitores sobre quem era o “melhor” representante para gerir o país. De um lado a oposição, que tentava a todo custo convencer e mostrar ao povo através de várias denúncias que o PT estava envolvido em uma série de procedimentos ilícitos; de outro, a situação, que procurava se defender dos escândalos e das denúncias, alegando sempre a inocência. Diante dos fatos, brasileiros indecisos buscavam verdades e respostas para decidirem o voto. Uma escolha tão difícil que era

praticamente impossível afirmar, naquele momento, quem seria o vencedor, apesar de o PT ter ganhado no primeiro turno, porém, com uma mínima diferença de votos.

Diante desse quebra-cabeças, a mídia fazia a sua parte, e agindo através do jornalismo de denúncia, bem como buscando interagir com o leitor através das relações dialógicas, a Revista *Veja*, enquanto veículo de comunicação, se apresenta como uma ferramenta importante nesse processo de escolha dos brasileiros. Uma semana antes das eleições de segundo turno, chegava às bancas Revista *Veja* com a capa intitulada: **O DOLEIRO FALA**.

FIGURA 01 – “O DOLEIRO FALA”



Fonte: Capa da Edição 2396, ano 47, nº 43, de 22 de Outubro de 2014

Na presente capa, a construção do discurso em torno da imagem emoldurada do doleiro Alberto Youssef promove uma série de sentidos: um homem de “cara limpa”, disposto a falar tudo o que sabe sobre os desvios de dinheiro da Petrobras para bancar as campanhas eleitorais do PT desde outros tempos. Com um olhar firme e uma expressão séria, a imagem do doleiro se sobressai, demonstrando a que veio. Peça fundamental nas denúncias, ele promete falar, “abrir o jogo”.

A capa aparece com a predominância do vermelho, que simboliza a cor do PT e dialoga com a logomarca da revista. A cor branca, que representa os contornos da logomarca, se faz presente também no título, só que de maneira mais evidente, com letras maiúsculas (CAIXA ALTA), representando um fato extra em um tom expressivo, destacado. No caso da matéria em pauta, uma revelação bombástica, capaz de mudar os rumos da história política e social do nosso país às vésperas de um momento decisivo.

Enquanto veículo de comunicação de cunho jornalístico, principalmente no campo da política, com este dizer, a Revista *Veja* se subjetiva como tal para “esclarecer” fatos e promover verdades ainda não ditas, ou ditas, talvez, de forma mais artificial, sem provas concretas, através de outros mecanismos de comunicação. Sendo assim, traz uma apuração mais detalhada dos fatos, com mais evidências, com mais legitimidade, pois prima pela credibilidade junto ao seu público-alvo.

Em se tratando de significados, a cor branca, nesse caso, representa a pureza, a clareza, a virtude, a limpeza. E as declarações do doleiro têm a intenção de colocar todas “as cartas na mesa”, “retirar máscaras”, trazer à tona os acontecimentos mais ocultos, desvendar mistérios, esclarecer verdades ainda desconhecidas. O enunciado da capa é tão representativo que podemos associá-lo claramente a outros, é como se pudéssemos ler: *O DOLEIRO FALA*, “*E O POVO VOTA*”. Este complemento está implícito, tendo em vista que um enunciado sempre está povoado de outros enunciados, de outras vozes.

Dentro dessa perspectiva, podemos compreender que a capa realiza o processo de antecipação ao conteúdo da reportagem interna, tendo em vista que a mesma conduz o leitor à interpretação valorativa da situação, aguçando o imaginário, possibilitando inferências por parte do mesmo: eis uma das características do enunciado concreto.

O título, composto pelo artigo definido O, e um substantivo masculino, DOLEIRO, caracteriza Alberto Youssef não como um doleiro qualquer, mas o individualiza. Logo, percebemos o jogo de palavras não aleatório utilizado pela revista para situar sua posição ideológica a respeito do PT. No dizer do título, o doleiro em questão é uma peça importante nesse jogo, alguém que está por dentro dos possíveis “esquemas” com relação a operação investigada.

O verbo FALA, no presente do indicativo, determina uma ação realizada no agora, “é pra já, não dá mais para esperar, o povo precisa saber”. Envolvido no escândalo, o doleiro fala com a intenção de receber a delação premiada: benefício que minimiza a pena. A estratégia discursiva é a de “mostrar” para um país inteiro a verdade sobre um partido que pregou a honestidade, a moralidade, a ética, a proteção dos direitos trabalhistas, ou seja, um partido totalmente avesso à corrupção.

Nos enunciados que compõem a capa, podemos perceber que a crítica apresentada não está no escândalo da Petrobras em si, mas sim, no PT. Isso evidencia que os enunciados abastecem o viés valorativo do autor-criador – a editoria política da revista em questão – e o seu intuito de depreciar o partido.

A ênfase é dada ao PT, apesar de o subtítulo se referir ao *ESCÂNDALO DA PETROBRAS*. Podemos concluir essa afirmação ao analisarmos os recursos visuais, bem como os recursos textuais, que se discursivizam, utilizados na composição da capa em questão. Ao fazermos uma leitura analítica, mesmo que timidamente, compreendemos que, através das imagens verbo-visuais impressas neste exemplar, o PT é o alvo principal da crítica.

Nos enunciados que se seguem, logo abaixo do título e escritos na cor amarela, duas revelações merecem destaque e nos permite validar as seguintes conclusões:

- **“A campanha presidencial de 2010 do PT levou dinheiro do petrolão”**, trata-se de uma relação dialógica com o outro escândalo, o do *MENSALÃO*. O ano de 2010 foi o primeiro da campanha presidencial em prol Dilma Rouseff, sendo assim, de acordo com as marcas textuais presentes na capa, percebemos que há uma ênfase maior não ao escândalo da Petrobras em si, mas aos outros escândalos anteriores envolvendo o PT. O verbo *levou* indica uma ação realizada no passado (pretérito perfeito do indicativo).

Há exatos cinco anos que a população vem sendo informada através da mídia, sobretudo através da *Veja*, sobre os escândalos de corrupção envolvendo o PT, e podemos compreender através das relações de sentidos implícitas na capa, uma espécie de “empurrão”, como se gritassem em alto e bom som: ACORDA BRASIL, isso não é de hoje!

A influência está para o partido, e não para os escândalos envolvendo o mesmo. Se não fosse intenção ideológica da Revista *Veja* condenar o PT, possivelmente o texto seria escrito de outra forma.

- **“28 deputados federais recebiam propinas mensais para apoiar o PT”**. O texto poderia, pois, ter sido escrito da seguinte forma: *28 deputados federais recebiam propinas mensais para apoiar partidos políticos*. O verbo *RECEBIAM* significa: arrecadavam; receptavam; recolhiam. Receber é o mesmo que aceitar o que é oferecido. Segundo o dizer da *Veja*, *os Deputados do PT recebiam propinas*; o enunciado confirma uma “guerra” entre a revista e o referido partido.

A cor amarela, utilizada nos enunciados supracitados, remete-nos, segundo à psicologia das cores⁶, ao ouro, ao poder. Chama à atenção do leitor mesmo à distância,

⁶ <http://www.capovdesign.com.br/index.php/component/k2/item/107-psicologia-das-cores/> Acessado em 28/11/2015.

sobretudo se for combinada com a cor preta, como podemos verificar na capa, e isso é uma estratégia da mídia escrita, pois é uma cor impactante perante o público.

Nesse sentido, podemos concluir que ao produzir esta capa, a *VEJA* pretendeu, entre outras coisas, receber uma resposta de seu leitor. É evidente que deseja uma resposta positiva, esperada, agradável, mas pode também esperar uma resposta negativa, não esperada, desagradável, como podemos verificar em Voloshínov, 1976 (1930):

com efeito, em condições normais, nós sempre estamos ou de acordo ou em desacordo com o que se diz; e nós trazemos, via de regra, uma resposta a todo enunciado do nosso interlocutor – resposta que não é necessariamente verbal, podendo consistir em um gesto, um movimento das mãos, um sorriso, um franzimento de testa, etc. Pode-se, portanto, afirmar que toda comunicação, toda interação verbal, se realiza sob a forma de uma troca de enunciados, isto é, na dimensão de um diálogo. (VOLOSHINOV, 1976(1930), p. 04)

No processo comunicativo, portanto, o falante dá significado às suas palavras e o interlocutor, ao compreendê-las, ocupa uma posição ativa responsiva, isto é, ele concorda ou não, aceita ou não, reformulando as palavras por meio de suas réplicas. As réplicas, dessa forma, são as apropriações das palavras dos outros e transformações em palavras próprias, e são desenvolvidas no discurso.

Segue a Figura 02 – “Eles sabiam de tudo”.

Quando a revista chegou às bancas, três dias depois das eleições de segundo turno⁷, os brasileiros já haviam optado por deixar Dilma Rousseff como Presidente do Brasil, embora a reputação do Partido dos Trabalhadores estivesse em baixa. Reeleita com 62,12% dos votos, Dilma (PT) venceu o tucano Aécio Neves (PSDB). Mesmo diante das revelações do Doleiro na edição anterior acerca da lavagem de dinheiro da Petrobras, e o envolvimento do PT no poder.

⁷ Vale salientar que em muitas localidades do Brasil, a edição da revista pode ter chegado às bancas e aos domicílios residenciais, ou não, na véspera do dia ou no dia das eleições 2014 em segundo turno, isto é, sábado ou domingo, apesar dela – a revista – ser datada numa quarta-feira.

FIGURA 02 – “ELES SABIAM DE TUDO”



Fonte: Capa da Edição 2397, ano 47, nº 44, de 29 de Outubro de 2014

O cenário político exposto neste exemplar nos faz perceber que há um diálogo existente entre esta edição e a anterior, já analisada (Capa da Edição 2396, ano 47, nº 43, de 22 de Outubro de 2014): o que configura uma construção, ao longo do tempo, de uma narrativa jornalística. Considerando esse fato, podemos verificar uma sequência narrativa entre as duas capas e, conseqüentemente, o desdobramento do assunto em questão: as declarações do doleiro Alberto Youssef sobre o envolvimento do PT na corrupção da Petrobras, operação conhecida como “Lava-Jato”. Isso, a maioria dos brasileiros não almejou por mudança, preferindo a permanência do PT no poder.

A capa apresenta as imagens de Dilma e Lula, ambos acusados no esquema de corrupção da estatal. Podemos perceber que a imagem em si já funciona como um discurso dialógico e, portanto, um enunciado concreto, tendo em vista que já traz consigo outros dizeres, e esses dizeres são projetados com o intuito de produzir sentidos mediante o seu público-alvo.

Diante desse contexto, a Revista *Veja* criou uma forma de representação da verdade através da imagem emoldurada dos dois petistas. Dessa forma, utilizou-se das relações

dialógicas para firmar o seu ponto de vista com relação ao tema abordado, ou seja, eis aí uma das múltiplas formas de dialogismo, o tom valorativo, apreciativo.

Partindo dessa concepção, podemos compreender que dialogismo é a capacidade de dialogar com o já dito e se reportar com o que ainda será dito. Sendo assim, a ADD concebe a linguagem em uma perspectiva histórico-sócio-cultural. A sua preocupação não está, apenas, no que o texto diz, mas, sobretudo, na interrelação entre o que e o como o texto diz.

O leitor de *Veja*, ao se deparar com a capa em questão, fará uma leitura da mesma levando em consideração seu conhecimento de mundo, sua cultura, seus valores ideológicos, entre outros. Dessa maneira, o enunciador elaborou a edição com o intuito de mostrar à população, através do jornalismo de denúncia, a corrupção do governo petista. Dessa forma, propõe que os sujeitos leitores apreendam a mensagem de tal forma que consigam decifrá-la, produzindo os sentidos necessários para a sua compreensão.

Como a intenção do enunciador é justamente a de produzir sentidos perante os seus leitores, lança mão de estratégias discursivas, a saber, imagens, cores, estrutura composicional, entre outras, para aguçar esses sentidos. Para tanto, o sujeito leitor revela sua formação ideológica e vai se desnudando, traçando caminhos para buscar sua forma de assimilar os discursos vários impressos na capa.

Ao analisarmos a edição em pauta, podemos identificar que em meio às imagens dos rostos de Dilma e Lula, há uma cobertura preta dividindo os dois olhares, apenas a metade de cada rosto está evidente; a cor preta nos remete ao petróleo e significa que algo está oculto, desconhecido, obscuro. Pelo dizer de *Veja*, é possível realizarmos essa leitura porque logo abaixo da logomarca da revista está escrito a palavra **PETROLÃO** na cor vermelha, que nos remete ao PT, por ser a cor representativa do partido. Ou seja, de acordo com os enunciados materializados na capa em análise, as cores e as imagens impressas nos permite. construir esses sentidos.

Ao observarmos os aspectos faciais de Dilma e Lula, podemos verificar que a expressão de Dilma é de preocupação com as declarações. Afinal, é ela quem está no poder. Seu olhar está fixo, mas um tanto quanto desviado, como se não tivesse coragem de encarar o público; há uma ruga no meio da testa, o que evidencia ainda mais o tom de preocupação dela. A boca entreaberta revela algo: é como se pudéssemos ler – “e agora, o que vou fazer?”.

De acordo com as declarações impressas na revista, o doleiro Alberto Youssef faz a revelação não apenas à mídia, mas à Polícia Federal e ao Ministério Público, e isso é grave, tendo em vista que o doleiro não pode fazer declarações mentirosas, sob pena de perder o benefício da delação premiada e ser punido ainda mais, caso minta ou entre em contradição.

Quanto à feição de Lula, verificamos uma expressividade séria, um olhar fixo e, diferente de Dilma, olha encarando, para a frente, sem desviar. A boca está fechada, como quem cala diante das afirmações do doleiro, silenciando. É assim que Lula se comporta desde que saiu da presidência, como alguém que fica por trás dos bastidores apenas observando, como se pensasse: “Não estou mais na presidência, portanto, não tenho mais nada a ver com essas declarações”.

A cor branca que envolve o enunciado do subtítulo: **O doleiro Alberto Youssef, caixa do esquema de corrupção na Petrobras, revelou à Polícia Federal e ao Ministério Público, na terça-feira passada, que Lula e Dilma Rousseff tinham conhecimento das tenebrosas transações na estatal**, significa pureza, clareza dos fatos, é hora de revelar aos órgãos interessados toda a verdade, o país precisa ter provas concretas do que está acontecendo.

Cabe salientar que este enunciado está dentro da cobertura preta (a qual podemos associar ao líquido do petróleo) que envolve o meio dos rostos de Dilma e Lula, o que nos remete ao fato de os dois estarem envolvidos no escândalo da estatal, segundo informa a *Veja*. E para evidenciar ainda mais esse sentido, logo abaixo, há o destaque para o enunciado do título **ELES SABIAM DE TUDO**, escrito na cor vermelha, como já especificamos acima, que representa a cor do PT.

Em caixa alta se destaca na capa o que contrasta com o jargão específico de Lula e agora também de Dilma, quando afirmam que NÃO SABIAM DE NADA. Sempre que perguntados sobre o assunto, afirmam desconhecer e informam ser inocentes. O pronome pessoal **ELES**, na terceira pessoa do plural, deixa claro que tanto Dilma quanto Lula estavam à par dos acontecimentos.

O verbo SABIAM, no pretérito imperfeito do indicativo, também reforça essa conclusão, porém, com a ressalva de que os fatos não foram totalmente concluídos, pois são fatos contínuos, não terminados. A preposição DE funciona como um elo entre as palavras *sabiam e tudo*, subordinando-as. A palavra TUDO nos traz a ideia de quantidade, totalidade, e no caso do enunciado em questão, significa dizer que todos os esquemas de corrupção com relação ao desvio de dinheiro da Petrobras eram de conhecimento dos líderes petistas.

Para tanto, a escolha das palavras, bem como das cores e das imagens para a composição da capa não são aleatórias. Pelo contrário, cada recurso verbal e não-verbal utilizado pelo sujeito jornalista funciona como manobras discursivas em busca de reproduzir outros dizeres, assim como outras ideologias estabelecidas nas diversas formações sociais.

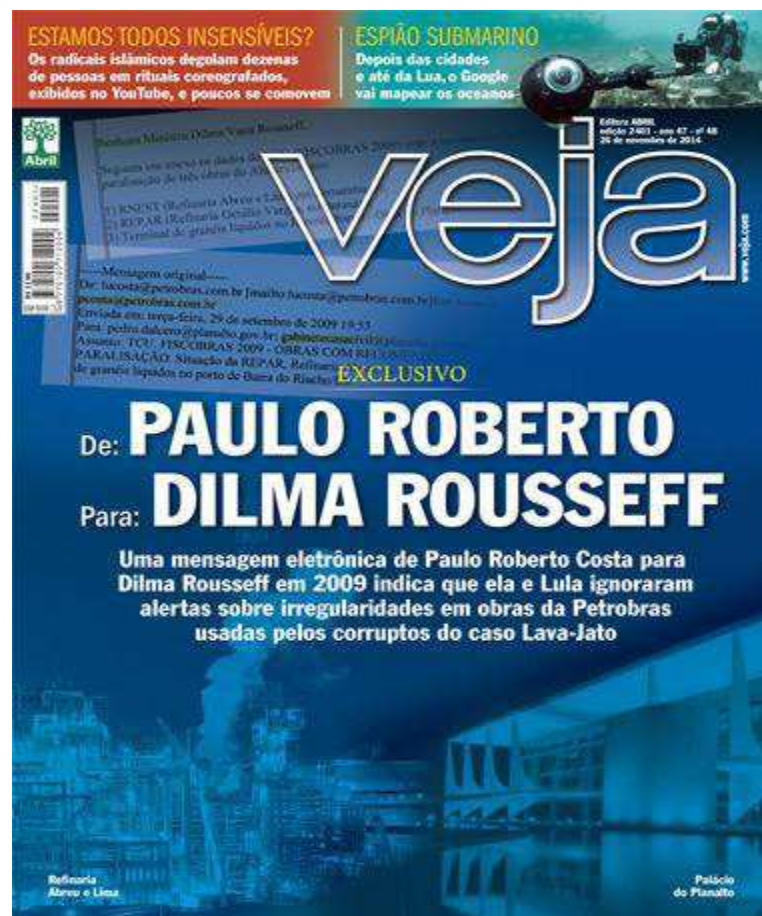
De acordo com VOLOSHINOV 1976(1930),

toda situação da vida quotidiana possui um auditório, cuja organização é bem precisa, e dispõe de um repertório específico de pequenos gêneros apropriados. Em cada caso, o gênero quotidiano se adapta à trilha que a comunicação social parece lhe ter traçado – e isto, pelo tanto que ele apresenta de reflexo ideológico do tipo, de estrutura, de objetivo e de constituição das relações de comunicação social. (VOLOSHINOV, 1976(1930), p. 04)

Dessa maneira, a linguagem é um fenômeno social da interação verbal, realizada pela enunciação, uma vez que esta é o produto da interação de sujeitos socialmente organizados. Assim, todo e qualquer texto, seja ele verbal ou não-verbal, é detentor de uma natureza sociointerativa, porque quem o produz tem uma intenção comunicativa.

Passemos para a Figura 03 – “De: Paulo Roberto / Para: Dilma Rousseff”.

FIGURA 03 – “DE: PAULO ROBERTO / PARA: DILMA ROUSSEFF”



Fonte: Capa da Edição 2401, ano 47, n° 48, de 26 de Novembro de 2014

A lente jornalística da *Veja* focaliza nesta capa, um mês após as eleições, informações exclusivas acerca de uma mensagem eletrônica enviada no ano de 2009 por Paulo Roberto Costa, na época Diretor de Abastecimento e Refinaria da Petrobras, para Dilma Rousseff, quando a mesma era Ministra Chefe da Casa Civil.

De acordo com a composição da capa, podemos verificar que no plano de fundo da mesma há a imagem do *e-mail* que Paulo Roberto Costa enviou para Dilma Rousseff. A logomarca da revista em um tom de azul transparente contornado pelo branco está fixada em cima da mensagem eletrônica, que está funcionando como uma marca d'água; a marca d'água simboliza um efeito de segurança, além da ideia de transparência, e podemos associá-la ao dinheiro, em cujo símbolo representa um selo autêntico e seguro, que impossibilita a sua falsificação.

Sendo o *e-mail* uma espécie de documento comprobatório, pois nesse caso ele apresenta conteúdo específico, data, dia, hora, destinatário e assinatura do remetente, o mesmo pode ser considerado uma prova do envolvimento do PT no escândalo da Petrobras, tendo em vista que o remetente, o Sr Paulo Roberto Costa, Diretor da estatal entre 2004 e 2012, e um dos principais envolvidos na corrupção, foi o autor da mensagem.

Nesse contexto, a *Veja*, de acordo com a capa proposta, leva o público à produção de diversos sentidos, haja vista que a idealização das capas não surge à toa, e o leitor irá identificar nos elementos que as compõem uma série de fatores que comprovam tais sentidos.

Mais uma vez, fazendo relação com as capas já analisadas, temos o PT, representado pelas figuras de Dilma e Lula, sendo colocado numa situação negativa perante a sociedade, ou seja, frente à opinião pública. São escândalos que mexem com a estrutura do partido e põe em “xeque” a sua credibilidade.

Instaura-se um efeito de verdade quando a revista denuncia através de práticas de letramento, esse envolvimento entre o PT e o escândalo da Petrobras. O *e-mail*, como já foi posto acima, é um meio legítimo, formal, um texto oficial dessa “verdade”, e apesar de percebermos a intenção ideológica da revista em depreciar o PT, ele foi enviado à sua revelia, portanto, não foi a *Veja* quem o criou, não se trata de um disse me disse, mas de algo autêntico que a revista traz para a sua capa como forma de informar a população, através de sua voz, que o PT pode não ser tão inocente como afirma.

Entretanto, a matéria em si (a qual não vamos nos deter nesse trabalho monográfico), informa que não só o PT está envolvido no esquema, mas também dois outros partidos, a saber, o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) e o Partido Progressista (PP). Dessa forma, podemos verificar que há realmente uma guerra travada entre o PT e a *Veja*,

caso contrário, os demais partidos seriam mencionados igualmente na matéria de capa, o que não ocorre, constatando o processo de depreciação de Veja com relação ao PT.

Para ficarmos a par dessa informação, é necessário ler as páginas da revista, que não traz muitos detalhes sobre o assunto. O sujeito jornalista constrói seu dizer a partir de articulações discursivas entre o verbal e o não-verbal, e estes funcionam como “legitimadores de verdades”.

A presença da imagem nas capas e matérias articula um jogo discursivo constituindo sua subjetivação. Sendo assim, podemos afirmar que, quando uma fotografia, ou uma imagem, ressurge na matéria jornalística juntamente com um texto verbal, age não apenas para elucidar algo que está sendo comunicado, ou mesmo para ilustrar a reportagem; acima de tudo, atuam como forma de materialização da verdade, como se exercessem domínio e poder e, ao mesmo tempo, regulassem o próprio dizer.

De acordo com Bakhtin/Volochínov (2009),

na realidade, o locutor serve-se da língua para as suas necessidades enunciativas concretas (para o locutor, a construção da língua está orientada no sentido da enunciação da fala). Trata-se, para ele, de utilizar as formas normativas (admitamos, por quanto, a legitimidade destas) num dado contexto concreto. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009, p. 95-96)

Como já analisamos nas duas capas anteriores (Figuras 01 e 02), o doleiro Alberto Youssef, em acordo de delação premiada, revelou em seu depoimento à Polícia Federal e ao Ministério Público que Dilma e Lula (ele se refere ao Planalto) sabiam desde muito tempo o que vinha acontecendo, mas não tiveram interesse em esclarecer o caso, pois, segundo o delator, o dinheiro desviado foi em grande parte para patrocinar as campanhas eleitorais do PT, inclusive a da Ministra Dilma em 2010 para a presidência da República.

Paulo Roberto Costa, também delator, começou a ser investigado pela Polícia Federal por manter contato com o doleiro, e nas investigações, foi descoberto que os dois são cúmplices no esquema de corrupção da estatal. Desde então, ambos assinaram contrato de delação premiada para desvendar os crimes da lavagem de dinheiro na operação Lava-Jato, e nos depoimentos que estão sendo feitos desde 2014, os dois confirmam a participação de Lula e Dilma no esquema.

Juntamente com o título “**De: Paulo Roberto Costa / Para: Dilma Rousseff**”, o subtítulo da matéria, “**Uma mensagem eletrônica de Paulo Roberto Costa para Dilma Rousseff em 2009 indica que ela e Lula ignoraram alertas sobre irregularidades em obras da Petrobras usadas pelos corruptos do caso lava-jato**”, dialoga com as imagens

propostas na capa. Logo abaixo do subtítulo observamos as imagens (uma ao lado da outra) do Palácio do Planalto e da Refinaria Abreu e Lima, investigada no esquema da lavagem de dinheiro.

Diante disso, podemos verificar que a mídia impressa em análise manipula as imagens e os textos para que haja a configuração dos operadores de sentidos por parte do sujeito leitor, ou seja, de certa forma, eles “ditam” o ritmo da matéria. Nessa perspectiva, compreendemos que o efeito da imagem, bem como das cores e da forma de distribuição dos textos, exercem uma espécie de “atração” junto aos sujeitos sociais, o que confirma o fato de que tudo no gênero midiático, sobretudo na revista, é estrategicamente articulado para gerar curiosidade, tal qual um banquete para ser degustado pelo sujeito-leitor.

O significado e a importância das cores estão relacionados à situação e à intenção de comunicação, por isso não há um significado rígido para elas, pois uma mesma cor pode ser associada a vários outros significados. No caso da Figura 03 – “De: Paulo Roberto / Para: Dilma Rousseff”, verificamos que a cor azul é predominante, ocupa a capa por completo, com exceção dos textos que foram escritos na cor branca.

A cor azul na publicidade significa lealdade, confiança, profissionalismo, verdade. E diante das matérias expostas neste e em outros exemplares, podemos compreender que a *Veja*, enquanto gênero formador de opinião, se propõe a passar sua verdade, o seu tom apreciativo, o seu ponto de vista. Porém, baseada em fatos verídicos, primando sempre pela confiança e profissionalismo perante ao seu público-alvo.

A cor branca, que nesta capa casa com a azul, representa a reflexão, a clareza. Os fatos estão aí para serem julgados, cabe a sociedade acreditar neles ou não. Para tanto, cada sujeito, de acordo com seu posicionamento na sociedade, procura assimilar os discursos, e tira suas próprias conclusões acerca do que está sendo dito/mostrado.

O papel da mídia é informativo, mas para isso usa sua capacidade de persuasão. Os discursos, conforme a formação dos sujeitos, estão postos em confronto; os sujeitos, cada um com sua ideologia e seu ponto de vista, podem, pois, concordar ou discordar do que está sendo dito através da mídia impressa.

Vejamos a Figura 04 – “A Operação Lava-Jato e o PT”.

Assim, como nas edições anteriores já analisadas, a saber, Figuras 01, 02 e 03, o tema em pauta desta edição da figura 04 continua sendo o envolvimento do PT na corrupção da Petrobras, operação esta denominada de Lava-Jato. Conforme podemos observar, a estrela vermelha de cinco pontas, que representa o PT, está emoldurada na capa para mostrar um possível envolvimento do partido no referido escândalo.

FIGURA 04 – “A OPERAÇÃO LAVA-JATO E O PT”



Fonte: Capa da Edição 2403, ano 47, nº 50, de 10 de Dezembro de 2014

Desde a antiguidade, a simbologia da estrela representa a esperança de um povo. Como sabemos, a estrela de Davi simboliza a religião judaica; a estrela de Belém o nascimento de Cristo; em várias bandeiras, inclusive na nossa, lá está a estrela exercendo sua representatividade e assim por diante. E com relação ao PT, podemos identificar que a escolha da estrela para representá-lo não foi à toa, haja vista que o partido surgiu com o objetivo de renovar, de trazer esperança para o povo sofrido, em especial o trabalhador, os mais carentes, os que vivem à margem da sociedade. Estes são exemplos de relações dialógicas construídas por um enunciado concreto não verbal.

As cinco pontas da estrela do PT podem ser representadas pelos cinco dedos de uma das mãos do trabalhador, e ela se difere das demais estrelas mencionadas acima justamente por esse fato: o PT representa o trabalhador, e foi em prol dessa classe que o mesmo foi fundado. Trata-se de um pentagrama sem o pentágono no seu interior, é um símbolo do comunismo e amplamente do socialismo em geral.

Diante do exposto, ao analisarmos a capa em questão, podemos constatar que o signo ideológico visual da estrela vermelha do PT ocupa o centro da capa da edição citada. Submersa na água que representa limpeza, pureza, transparência, a estrela vermelha está

sendo lavada para que algo venha à tona, nesse caso, podemos visualizar que a medida que o símbolo do PT está sendo limpo, o dinheiro vai aparecendo, e não se trata da moeda nacional (o real), mas de dólares (moeda americana), o que significa dizer que há muito dinheiro envolvido no esquema e em contas bancárias fora do país, num esquema denominado de “lavagem de dinheiro”.

Na capa, o dinheiro está sendo lavado, podemos enxergar a mangueira, um jato bem forte exercendo a ação. Com essas imagens, a *Veja* se posiciona em um tom apreciativo de denúncia com relação a “sujeira” do partido do governo. O tom valorativo da revista é que o PT seja, de fato, um partido corrupto, sujo, que usa o dinheiro público para outros fins, tais como: patrocinar campanhas políticas, doação de propinas, caixa dois, contas bancárias fora do país, enriquecimento ilícito, etc.

Entretanto, enquanto meio de comunicação que deseja repassar ao seu público-alvo a sua “verdade” construída, se posiciona contra, e trava uma guerra com o PT. Segundo a formação ideológica da revista, e sabendo que todo discurso é arquitetado estrategicamente para conduzir o enunciário a produzir gestos de interpretação, vemos, já a partir das imagens impressas na capa, a intenção da *Veja* é desvalorizar o partido, mostrar para a sociedade brasileira que o mesmo não tem credibilidade, que faz falcatruas, que se envolve em negócios escusos.

No entanto, isso não significa dizer que o partido seja tudo isso que ela afirma em seu dizer. A cada capa analisada, podemos verificar que a revista se torna cada vez mais crítica com relação ao PT, e isso é bem evidente, basta observar as matérias da mesma a cada semana. A revista nos conduz, pela junção destes elementos visuais (estrela, água, dinheiro, cores), à construção desses sentidos, porém, cabe salientar que não se trata de uma verdade absoluta, pois o ponto de vista da revista com relação ao PT, pode não ser o mesmo ponto de vista de boa parte de seus leitores, bem como de outros veículos de comunicação de massa.

Bakhtin (2003, p. 271) afirma que “o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele, completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc”.

Dando sequência à análise, o plano de fundo da capa nos remete a um oceano, um mar, ou seja, é composto pela imagem da água. A cor verde do centro da capa nos remete, além da cor da água, à cor verde da moeda que está sendo lavada (o dólar), como se a tinta da moeda americana estivesse largando ao ponto que o dinheiro vai sendo lavado, como se a sujeira envolvida estivesse sendo, finalmente, descoberta. Um oceano de segredos e mistérios sendo desvendado através da mídia impressa.

Passando agora para os elementos da ordem do verbal, podemos verificar que a interpretação dos signos visuais (estrela, dinheiro, água e cores) mostrados acima, pode ser consolidada se a integramos aos enunciados verbais. O título da matéria, a saber, **A OPERAÇÃO LAVA-JATO E O PT**, o qual se apresenta de forma bem destacada, com letras maiúsculas na cor branca logo abaixo da estrela, dialoga de tal forma com as imagens, que podemos identificar a posição ideológica da revista com relação ao Partido do Governo, quando a mesma declara que há o envolvimento do PT nas falcatruas denunciadas.

A função deste destaque (do título) parece ser o de prender a atenção do leitor e despertar-lhe o interesse e, assim, induzi-lo à leitura da reportagem sobre o assunto no interior da revista. O enunciado do subtítulo, intitulado: **O partido do governo tem muito que explicar sobre o escândalo depois das acusações de receber propina nas campanhas eleitorais**, reforça ainda mais essa posição de *Veja*, bem como as interpretações realizadas no decorrer desta análise.

O sujeito-jornalista é bem enfático quando se refere ao Partido do Governo, não é outro partido, mas o PT, o do governo, ou seja, o que está no comando do nosso país. Embora tenham outros partidos envolvidos no escândalo da Petrobras, como o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) e o Partido Progressista (PP), a revista não faz questão de mencioná-los na capa para não chamar atenção para isso.

Seu discurso gira em torno de um único partido, ou seja, o PT. Dessa forma, pelo tratamento que dá aos elementos verbais e não verbais, fica mais explícita ainda a relação necessária e intrínseca que a *Veja* cria entre o PT e o escândalo da estatal, procurando construir uma imagem negativa do partido de Lula e Dilma perante o público.

Em suma, nas edições de *Veja* analisadas nesta monografia operou-se, juntamente com as ideologias presentes em seus textos, um deslocamento de sentidos que funcionaram figurativizados através de estratégias/manobras discursivas utilizadas pelos jornalistas em momentos e lugares distintos. Os dizeres são retomados, reafirmados, denunciando, deste modo, que o discurso é um processo circulatório, marcado por aspectos sócio-histórico-ideológicos.

As análises empreendidas só foram possíveis por compreendermos a capa de revista como um gênero discursivo e, portanto, como veiculador de enunciados que mobilizam sentidos concretos, isto é, situados no social em determinado tempo e espaço. Nesse sentido, as capas da *Veja*, como gênero, também acompanham as transformações ao longo do tempo em seu estilo e em sua forma composicional, em virtude, não só das necessidades imediatas do contexto social, como postula Bakhtin, mas também de seus interesses enunciativos, como uma empresa de comunicação cuja ideologia norteia tais enunciados.

As imagens, muito mais que os enunciados verbais, fixam-se no imaginário do leitor, como se fossem a versão da realidade. Desse modo, a ideologia que perpassa por elas também é transmitida indiretamente ao leitor desavisado ou pouco afeito à leitura crítica. Por esse motivo, desvendar essa malha textual pode ser um trabalho de grande efeito na construção de procedimentos de leitura mais críticos e menos sensíveis aos apelos sensacionalistas ou subjetivos que permeiam os enunciados concretos que circulam na mídia, exigindo uma atitude responsiva imediata de seus leitores e, por isso mesmo, responsável pela formação de opinião de seu público.

Passemos para as considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o discurso como algo que se efetiva por meio do verbal e do extraverbal, podemos verificar que não há como separar esses dois aspectos da cadeia discursiva, tendo em vista que a significação ficaria comprometida, já que a situação extraverbal está longe de ser causa externa de um enunciado.

Segundo a teoria dialógica proposta por Bakhtin e o Círculo, a relação entre o verbal e o não-verbal, entre o dito e o não-dito ocorre por meio da entonação, do gesto, do conhecimento do contexto extraverbal, e do espaço comum entre os falantes, além da parte percebida e da parte presumida, bem como das relações entre locutor e interlocutor. Tais elementos são indissolúveis no que diz respeito ao todo do enunciado; e por meio das relações dialógicas entre eles, os sentidos se constroem e se (re)atualizam a cada novo contexto do uso da linguagem.

Dentro dessa perspectiva, o gênero discursivo capa de revista se encaixa nos parâmetros citados acima, pois nele há a necessidade da articulação da linguagem mista, a saber, verbal e não-verbal, com o intuito de construir sentidos, e os elementos se mostram eficientes nesse sentido. Dessa forma, o nosso objetivo foi tentar mostrar através das quatro capas da Revista *Veja* com tema sobre a Operação Lava-Jato (escândalo da Petrobras), como ocorre o entrelaçamento desses elementos. Entretanto, cabe salientar que fizemos uma análise sucinta, tendo em vista que cabe outros olhares e outros aspectos podem perfeitamente ser analisados.

Desse modo, a capa de revista se apresenta como um texto crítico e dialógico, permeado de enunciados geradores de sentidos vários, devendo ter um lugar privilegiado na área jornalística, assim como nas instituições acadêmicas e escolares. Sendo assim, é importante compreender os enunciados concretos usando como referência a orientação social do contexto em que são colocados em circulação, haja vista que o enunciado é discurso e esta condição não pode ser vista de maneira isolada, mas dialogicamente situada em campos de criatividades ideológicas.

Nesse sentido, nossa discussão neste trabalho não recaiu no que, apenas, as capas enunciavam, mas sim, como elas enunciavam sentidos, considerando que todo e qualquer produto ideológico faz parte de uma realidade, refletindo-a e refratando-a. Nesse contexto, verificamos nesta análise, a partir da concepção de discurso como produto de relações dialógicas, a possibilidade de articular a leitura da verbo-visualidade nas capas de revista em questão por meio da concepção de discurso, mostrando que os enunciados são postos a circular e significar no ambiente sócio-histórico por intermédio de uma relação dialógica que os concebe e lhes permite a criação de um outro enunciado que produz um outro sentido.

Com esta pesquisa, verificamos o quão fértil é um estudo do discurso aliado à abordagem do gênero, haja vista que o gênero discursivo capa de revista é um lugar móvel, no qual identificamos o tripé: sujeito, língua e história, que se unem para a atualização de enunciados e para a construção de efeitos de sentidos no texto.

Em consonância com os objetivos pretendidos neste trabalho, os dados analisados nos permitem afirmar que as capas de revista imprimem campos da criatividade ideológica que apreciam negativamente o PT e que vão ao encontro da orientação social dos sujeitos sociais (locutores e interlocutores) e se filiam – a editoria política da Revista *Veja*.

Tal consideração aparentemente funciona como óbvia, mas abandona este estado quando compreendida como resultado de redes dialógicas que tecem, ao longo da história, a orientação do auditório social dos enunciados concretos que se estabelecem nos mais variados eventos discursivos.

Por meio das análises, percebemos que cada capa fez suscitar diversos outros discursos que circulam socialmente sobre a situação da política brasileira, e todas apresentam vozes sociais que demonstram negativamente a imagem do PT nas composições das capas, seja com relação aos enunciados, seja com relação às imagens, às cores etc..

Compreender tais posições valorativas torna-se relevante do ponto de vista social, uma vez que nos possibilita uma leitura crítica acerca de um assunto que afeta diretamente a vida dos sujeitos sociais. Teoricamente, tais discussões, realizadas à luz da ADD, ampliam os horizontes e possibilitam diálogos entre conceitos teóricos e filosóficos, bem como discursos

reais, vivos e dinâmicos, materializados em gêneros, a exemplo das capas de revistas analisadas.

Compreendendo os discursos das mídias como mediadores de outros discursos, orquestradores por vozes e por pontos de vista, a ADD propicia uma compreensão crítica dos discursos e pode contribuir para uma maior autonomia dos leitores em relação ao que é difundido pelas instituições midiáticas como “fatos” e “verdades”.

Para tanto, com o objetivo de responder ao questionamento assumido no início da pesquisa, verificamos que os enunciados concretos estudados nas capas de revistas com relação ao PT denunciam ou fazem surgir compreensões que demonstram nas capas da *Veja* aspectos, sobretudo, de reprovação para com o PT, representado pelas figuras de Dilma Rousseff e Lula.

Pautados na teoria de Bakhtin com relação ao gênero do discurso capa de revista abordado nesta monografia, observamos que o mesmo tem por natureza traduzir ou sugerir reflexões sociais que estão subordinadas as condições específicas do uso da linguagem dialogicamente situada. Olhar este gênero à luz das teorias de gêneros e de Bakhtin é a contribuição deste trabalho.

É importante frisar, ainda, que o presente estudo não se constitui com um todo fechado, estanque, haja vista que outras compreensões podem ser abordadas nas capas selecionadas na nossa análise. Entretanto, mesmo que isso ocorra, já não será mais esta enunciação, já que a enunciação não se repete.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M.; VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 13. ed. São Paulo: HUCITEC, 2009.

BRAIT, B. Reflexões dialógicas: de olho no verbal, piscando para a imagem. In: MACHADO, I. L.; MENDES, E. (Orgs.). **Discurso e imagem**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012, p. 02-85.

CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa e seus fundamentos filosóficos. In: _____. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2006, p. 33-61.

COSTA, M. A. Estruturalismo. In.: MARTELOTTA, M. E. *et. al.* **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 113-126.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. 16. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

LAKATOS, I. **O falseamento e a metodologia dos programas de pesquisa científica**. São Paulo: Cultrix, 2001.

MACHADO, I. **Gêneros discursivos**. In. BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2012, p. 45-97.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual**: análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola, 2008.

RAMIRES, V. Panorama dos estudos sobre gêneros textuais. **Investigações**. Vol. 18. N. 2, julho, 2005, p. 39-67.

RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTAROTH, D. (Orgs.). **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola, 2006, p. 152-183.

SOBRAL, A. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2009.

SOUZA, G. T. **Introdução à teoria do enunciado concreto**: do círculo Bakhtin/Volochinov/Medvedev. 2. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002.

SWALES, J. M. *Genre Analysis. English in academic and research setting*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

VOLOSHINOV, V. N. **A estrutura do enunciado**. 1976(1930). Tradução de Ana Vaz, para fins didáticos, com base na tradução francesa de Tzevan Todorov (“*La structure de l'énoncé*”), publicada em Tzevan Todorov, *Mikail Bakhtin – Le principe dialogique*. Paris, Seuil, 1976.